ISSN: 2358-8829

TEATRALIZAÇÃO E PRÁTICAS DE LINGUAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Edmilson Rodrigues Chaves[1]
Cristiana de Paula Santos [2]

INTRODUÇÃO

O ensino de língua portuguesa e as práticas de linguagem direcionado aos adolescentes matriculados nas salas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II tem sido um grande desafio de enfrentamento dos professores regente destas salas, pois, trata-se de engajar estes estudantes através de um momento de transição e intensa busca por identidade educacional no ambiente escolar. Nesse cenário, os professores buscam inúmeras estratégias para tornar o ambiente da sala de aula em algo atrativo e dinâmico, para que este aluno consiga mergulhar no mundo da leitura e escrita de forma espontânea e enriquecedora. Nesse contexto os professores assumem o papel de mediadores do conhecimento e aprendizagem fazendo uso de diversas atividades afim de facilitar a aprendizagem de seus alunos, haja vista que são eles os principais protagonistas nesta dinâmica que engloba o processo ensino/aprendizagem.

No presente ensaio, propomos uma teorização sobre uma experiência teatralizada com os alunos pertencentes ao ensino fundamental II, enfocando o dialogismo entre os integrantes das turmas do 8º e 9º ano da educação básica; estes apresentavam-se apáticos em relação às suas aprendizagens e distantes dos conhecimentos basilares da literatura brasileira, o que acarretava dificuldades no processo ensino-aprendizagem. A problemática foi teatralizada através da aplicabilidade do Projeto intitulado "Quinta do conto Literário**"** que acontecia por meio de um ensaio sobre a leitura e recontagem de um conto lido por cada aluno extra sala de aula. O referido projeto teve como objetivo despertar o gosto pela leitura e formar leitores autônomos, utilizando a literatura como ferramenta para ampliar o repertório e a compreensão de texto.

A participação ativa dos alunos nas atividades pedagógicas desenvolvidos em sala de aula é fator determinante para o seu sucesso escolar; o engajamento direto desses

[1] Mestre em Ensino e Formação Docente através do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará (IFCE). Especialista em Psicopedagogia e Gestão Escolar. Professor efetivo da Secretaria de educação do Município de Crateús-Ce. E-mail: edmilsonchavespedagogo@gmail.com.
[2] Mestre pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente (PPGEF) pelo Instituto Federal do Ceará – IFCE, E-mail:cristianadepaulas@gmail.com

adolescentes é o que transforma sua realidade e traz um aprendizado real. Apartir do momento em que os estudantes assumem o papel de protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, o seu processo de desenvolvimento na leitura e na escrita ocorre de forma espontânea, fluida e enriquecedora; esse processo gera autonomia no estudante e estimula a capacidade crítica, transformando o ato de ler e escrever em uma ferramenta de expressão de sua própria identidade; é Nesse cenário dinâmico que as estratégias e atividades diversificadas propostas pelos professores ganham verdadeiro sentido, permitindo que os educadores atuem como mediadores de um conhecimento construído pela própria ação e envolvimento do aluno; dessa forma, é que apresentamos o projeto elaborado e aplicado em sala de aula, objetivando despertar nos alunos, o gosto pela leitura e consequentemente o desenvolvimento da oralidade.

METODOLOGIA

O estudo desenvolvido nesta produção acadêmica foi um ensaio direcionado a Prática de sala de aula com as turmas de 8º e 9º ano do ensino fundamental II da escola de Cidadania Olavo Bilac, localizada na cidade de Crateús no interior do estado do Ceará, local onde vivenciamos a teatralização dos alunos através da recontagem de histórias contidas em livros paradidáticos de forma autônoma e colaborativa, permitindo que eles ressignifiquem a narrativa a partir de suas próprias vivências e visões de mundo. Utilizamos como estratégias metodológicas a leitura de livros paradidáticos pertencentes ao acervo da Biblioteca escolar. Evidenciou-se que a utilização dessa estratégia pedagógica no Ensino Fundamental II contribuiu significativamente para a interpretação de textos lidos e ouvidos, auxiliando no processo de consolidação da compreensão textual e no desenvolvimento da oralidade. Os resultados indicaram que a referida prática potencializou o entendimento de histórias narradas em sala de aula, revelando-se um recurso eficaz para o desenvolvimento da proficiência em leitura.

A metodologia adotada integrou a fundamentação teórica à prática docente, apoiando-se nas experiências formativas do magistério para promover a autonomia dos alunos por meio de estratégias de leitura, escuta e fala. A reflexão sobre essa prática contribui para o campo da mediação de leitura ao oferecer uma dimensão dialética que permite ao professor ressignificar desafios cotidianos. Conclui-se que tal intervenção pedagógica foi essencial para consolidar os pilares da leitura, compreensão textual e oralidade, reafirmando a importância de métodos inovadores no processo ensino-

aprendizagem, os quais permitem ao educador transformar o ambiente escolar em um espaço de efetiva construção de saberes.

Nossas reflexões estão fundamentadas nos autores: Marcuschi, Luiz Antônio (2008), Soares, Magda (2003), Freire, Paulo(2001) e Cosson, Rildo (2014). Acompanhamos um total de cinquenta e cinco alunos, sendo, vinte seis alunos do 8º ano e vinte nove alunos da sala do 9º ano, onde todos os discentes tiveram a oportunidade de expressar sua oralidade de forma espontânea. pois, a nossa orientação foi deixá-los a vontade no momento da apresentação. Ao integrar técnicas inovadoras no contexto escolar por meio de práticas de linguagem, compreendemos que estamos promovendo um espaço onde a oralidade, leitura, escrita e a escuta deixam de ser conceitos abstratos e passam a ser vivenciados no chão da sala de forma prática, lúdica e direta.

Nossa pesquisa está classificada numa abordagem qualitativa e quantitativa, pois trata-se de uma vivência experienciada com alunos do Ensino Fundamental II que apresentavam um distanciamento da leitura, caracterizado por uma forte resistência em participar ativamente das aulas, tornando o ambiente pedagógico cansativo e monótono. Dessa forma, a vertente qualitativa nos permite compreender as subjetividades, motivações e o engajamento dos alunos durante as apresentações cênicas, enquanto a análise quantitativa fundamenta o estudo por meio do mapeamento estatístico da frequência da leitura, indicadores de assiduidade e participação do projeto “Quinta do conto Literário” de forma completa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Documentos norteadores da educação contemporânea destacam a importância da participação ativa dos alunos no processo educativo, pois, o conteúdo apresentado em aula é de interesse de todos e para todos em diferentes semioses e multimodalidade que farão diferença na formação cidadã e crítica destes alunos durante seu processo de letramento, aprendizagem e desenvolvimento da oralidade. Quando incutimos a inovação no processo educativo da sala de aula, esta possui poder de atuação como um mediador privilegiado das diretrizes educacionais vigente.

Trabalhando a leitura expressiva focalizando os diversos contextos sociais que a mesma retrata através dos inúmeros textos abordados em sala de aulas é possível formamos um cidadão livre, leve e conhecedor de seus direitos, deveres e obrigações. O grande desafio do educador em nossa atualidade é equilibrar a mediação de excesso de

informações advindas das diferentes fontes as quais os estudantes tem livre acesso. Parafraseando Magda Soares(2003) podemos afirmar que Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno. Assim, compreendemos, que precisamos deixar claro para nossos alunos que toda e qualquer leitura precisa possui uma intencionalidade, isso inicia já na alfabetização, caso contrário estaremos formando leitores passivos, que enxergam o livro como uma obrigação escolar e não como uma prática social viva. Afinal, o ato de ler só ganha sentido real quando desperta a imaginação, a empatia e o diálogo, permitindo que o estudante se reconheça como sujeito ativo e protagonista de sua própria aprendizagem. Essa perspectiva converge com o pensamento de Magda Soares (2003), ao defender que letrar é mais do que alfabetizar, consistindo em ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde essas práticas tenham sentido e façam parte da vida do aluno. Portanto, ao resgatar a intencionalidade por meio de intervenções dinâmicas, transformamos o distanciamento inicial em engajamento crítico."

Desta forma, compreendemos que a função da escola no que diz respeito a linguagem é incluir os alunos no mundo da leitura e escrita, utilizando as mais variadas formas de interlocução, onde esteja presente tanto a fala quanto a escrita, pois, o importante é o aluno estar inserida no mudo das relações sociais, afinal, é com elas e por elas(alunas/alunos) que os docentes vão construindo suas aprendizagens e consequentemente sua linguagem.

Vale ressaltar, que é de suma importância que toda e qualquer situação executada em sala de aula tenha uma intencionalidade, pois, a criança precisa compreender desde cedo o real objetivo da ação pedagógica executada pelo professor no ambiente escolar, agindo assim, o professor estará construindo uma aprendizagem significativa que contribuirá para o êxito no processo de aprendizagem dos estudantes. Buscando encontrar técnicas que sejam capazes de ensinar nossos alunos a usar sua criatividade e desenvolver sua oralidade, é que criamos o projeto “Quinta do conto literário”, jamais podemos esquecer que fala e escrita são manifestações da língua propriamente, ou seja, são contínuos de uma mesma língua falada de formas distintas entre emissor e receptor.

Através de círculos de leitura, debates e reflexões promovidos em sala de aula por meio de rodas de conversa, os estudantes desenvolvem não apenas a fluência verbal e a profundidade na interpretação textual, mas também a empatia, a capacidade de argumentação e a autoconfiança. Portanto, investigar, propor e analisar as diferentes

temáticas enquanto eixo articulador das práticas de linguagem é reconhecer a escola como um território de criação, diálogo e emancipação. A proposta didática aqui apresentada objetiva refletir o nosso fazer pedagógico de forma lúdica, visando transformar a dinâmica de ensino em algo prazeroso e tornar o aluno um protagonista ativo no domínio da palavra, capacitando-o a expressar seus sentimentos e desenvolver sua oralidade.

A inserção da teatralização e das rodas de conversa protagonizadas nas salas de 8º e 9º do Ensino Fundamental II refuta diretamente à necessidade de eclodir com a passividade na formação leitora. Ao recontarem as histórias dos livros paradidáticos por meio da expressão cênica através do processo teatralizado, os estudantes corporificam e dão vida ao texto, validando o pensamento de Marcuschi (2008) de que a compreensão textual não se reduz à mera decodificação de um código, mas constitui uma atividade social, interativa e cognitiva de coprodução de sentidos. Dessa forma, o espaço da sala de aula deixa de replicar leituras monótonas e passa a funcionar como uma situação comunicativa concreta, onde os alunos mobilizam seus conhecimentos de mundo e transformam a interpretação literária em um processo dinâmico de criação coletiva e desenvolvimento da oralidade.

Diante desse cenário, a recontagem de histórias consolida-se como um valioso instrumento metodológico de letramento literário e desenvolvimento da oralidade, uma vez que transpõe a leitura da dimensão individual para a esfera coletiva. Ao encenarem os livros paradidáticos através de suas adaptações e falas, os estudantes das turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II realizam o que Cosson (2014) define como recepção comunitária, etapa na qual a leitura solitária ganha contornos de compartilhamento e debate social. Essa transição é fundamental porque, para o autor, a leitura literária ultrapassa a mera memorização de enredos; ela se configura como uma experiência ativa desenvolvida pelos alunos e aprimorada em sala no momento da recontagem. Desse modo, o ato de recontar histórias de forma cênica funciona como a resposta viva defendida por Cosson, oferecendo aos alunos uma plataforma concreta para expressar suas impressões, desenvolver sua oralidade e ressignificar o conto a partir de suas próprias concepções enquanto leitor interpretador do texto lido.

Ao reconectar a prática de leitura ao universo concreto dos estudantes do Ensino Fundamental II, resgata-se o princípio freireano de que a compreensão da realidade é o alicerce para a apropriação do texto. Para Paulo Freire (2001), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, de modo que ensinar a ler exige validar as vivências, os saberes e as

expressões orais que os alunos já trazem consigo. Nesse sentido, as atividades de recontagem de histórias e de teatralização de livros paradidáticos deixam de ser meros exercícios escolares distantes para se transformarem em ferramentas de conscientização, permitindo que o estudante releia e ressignifique ativamente o seu próprio contexto social.

Em resumo, usar a teatralização para recontar histórias na escola é fundamental porque transforma a leitura em uma experiência viva, movimentada, repleta de adaptações feita por cada estudante no momento da apresentação, o que oportuniza aos estudantes usarem sua criatividade no momento da recontagem do conto lido. Essa atividade ajuda os alunos a irem além da simples cópia de palavras, pois exige que eles pensem, adaptem e deem um novo sentido aos livros usando suas próprias interpretações e assim desenvolvendo a oralidade. Quando os estudantes se transformam em personagens e usam o corpo e a fala no teatro, eles desenvolvem habilidades muito importantes para a vida, como a facilidade de se expressar, a capacidade de ouvir o outro, a autoconfiança e o pensamento crítico

O projeto "Quinta do Conto Literário" mostrou que usar a teatralização para recontar histórias na escola é fundamental porque transforma a leitura em uma experiência viva, movimentada e feita conforme a compreensão e entendimento de cada leitor apresentador do conto. Por meio desse projeto, os alunos puderam ir além da simples leitura mecânica, pois foram desafiados a pensar, adaptar e dar um novo sentido aos livros usando suas próprias concepções e criatividades. Os protagonistas deste projeto desenvolveram habilidades muito importantes, como a facilidade de se expressar, a empatia, a autoconfiança e o pensamento crítico. A "Quinta do Conto Literário" transformou a resistência pelos livros em um momento prazeroso, onde os alunos e alunas se tornaram os verdadeiros donos do seu aprendizado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início do projeto, observou-se um forte distanciamento dos alunos das turmas do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II em relação a participação nas aulas e principalmente à leitura, dificultando suas aprendizagens e desenvolvimento educacional manifestado por meio de apatia e recusa em participar das aulas tradicionais. O projeto "Quinta do Conto Literário" surgiu para suprir estas lacunas de desconfiguração existente em sala de aula relacionado a resistência dos alunos à participarem de forma ativa nas atividades pedagógicas aplicadas no âmbito escolar. Durante o projeto, após compreenderem o real objetivo da proposta idealizada, estes(alunos) se apropriaram e assumiram o papel de verdadeiros contadores de histórias, os estudantes demonstraram

uma mudança de postura e concepção do ato educativo: a resistência deu lugar ao entusiasmo.

Esse avanço prático confirma o que defende Freire (2011), pois ao permitir que os alunos fizessem uma "leitura do mundo" antes da decodificação mecânica da palavra, o projeto validou suas vivências. A transformação de uma aula antes considerada cansativa em um espaço dinâmico mostra que, quando a literatura ganha intencionalidade, o estudante se reconhece como sujeito ativo do seu aprendizado.

As apresentações cênicas e as recontagens dos livros paradidáticos, ficou evidente que os alunos não estavam apenas repetindo falas decoradas. Eles adaptavam os enredos, inseriam palavras novas nos contos e modificavam entonações para dar vida aos personagens. Houve uma melhora visível na fluência verbal, na desenvoltura corporal e na capacidade de argumentação durante os debates pós-apresentação.

Essa vivência confirma a teoria de Marcuschi (2008), para quem a compreensão textual é uma atividade social e interativa de coprodução de sentidos. Ao invés de apenas decodificarem o código escrito de forma isolada, os estudantes mobilizaram seus conhecimentos de mundo em uma situação comunicativa concreta e coletiva, utilizando a oralidade como ponte para atingir a profundidade da interpretação textual.

O projeto também evidenciou que a leitura perde o caráter de obrigação escolar quando é compartilhada. As rodas de conversa que sucediam as encenações permitiram que os alunos expressassem sentimentos, fizessem críticas e conectassem os dilemas dos livros às suas próprias realidades, gerando reflexões profundas e o exercício da empatia.

Esse resultado materializa os conceitos de letramento de Soares (2003) e Cosson (2014). O projeto inseriu a leitura em um contexto no qual ela passou a fazer sentido e fazer parte da vida do aluno, gerando o verdadeiro letramento. Além disso, a "Quinta do Conto Literário" funcionou como a "recepção comunitária" defendida por Cosson, transformando o ato solitário de ler em uma resposta viva e coletiva que, fundamentalmente, cumpre o papel de humanizar os sujeitos no ambiente escolar

Em suma, a convergência entre os pensamentos dos autores supra citados evidenciam que a formação de leitores no Ensino Fundamental II não ocorre de maneira isolada ou puramente mecânica, esta entrelaça a leitura do mundo de Freire, o letramento social de Soares, a coprodução de sentidos de Marcuschi e a recepção comunitária de Cosson, ao nosso projeto "Quinta do Conto Literário"; que encontrou na teatralização a resposta pedagógica para superar a apatia escolar. Essas bases teóricas deixam claro que,

ao darmos voz e corpo aos estudantes por meio da recontagem de histórias, a sala de aula deixa de ser um espaço de mera reprodução mecânica para se consolidar como um território vivo de interação, onde a literatura humaniza e a linguagem se torna um instrumento real de emancipação e protagonismo juvenil.

CONSIERAÇÕES FINAIS

A implementação do projeto "Quinta do Conto Literário" aplicada as turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II foi uma iniciativa no intuito de provocar os estudantes destas turmas a repensar sobre o verdadeiro ato de estudar; a aplicabilidade do referido projeto trouxe resultados bem positivos para todos os alunos da turma, ficou provado que nenhum estudante é incapaz de realizar a recontagem de uma história e vencer a timidez, desde que encontre na escola um espaço aberto ao diálogo e à criação. Na prática, mesmo os alunos que antes se mantinham isolados ou demonstravam extrema resistência em falar em público conseguiram, por meio do incentivo do professor e o apoio de todo o grupo. Esse avanço revelou que o bloqueio com a leitura não era uma limitação intelectual, mas sim a falta de oportunidade para que esses jovens fossem os protagonistas do próprio aprendizado, utilizando a oralidade como pontes para lhes aproximar dos livros, pois, a teatralização e a recontagem de histórias funcionaram como ferramentas pedagógicas potentes para reverter esse cenário de apatia.

As teorias de Freire, Soares, Marcuschi e Cosson só confirmaram que a leitura ´a ferramenta é uma ferramenta viva de interação e humanização, que só ganha sentido real quando deixa de ser uma obrigação mecânica e passa a fazer parte do cotidiano dos alunos; o projeto demonstrou que a leitura ganha sentido quando é encarada como uma prática social viva e parte da realidade do aluno, e não apenas como uma obrigação mecânica do cotidiano escolar.

Os resultados evidenciaram avanços significativos não apenas na fluência verbal e na interpretação textual dos alunos, mas também no desenvolvimento de habilidades socioemocionais indispensáveis, como a empatia, a autoconfiança e o protagonismo crítico dos alunos, quando estes são encarados como sujeitos ativos e produtores de cultura, e não apenas como receptores passivos de conteúdos pré-moldados pelo sistema de ensino tradicional; Por fim, conclui-se que transformar a sala de aula em um território de criação e diálogo é um caminho viável e urgente no meio educacional. Espera-se que esta pesquisa inspire novas práticas docentes que utilizem as metodologias ativas e as

linguagens artísticas como eixos articuladores, devolvendo aos estudantes o domínio da palavra e o prazer pelo universo literário.

O presente projeto reafirma que a superação do distanciamento leitor reside na coragem de reinventar o cotidiano escolar. Ao validar a "Quinta do Conto Literário" como um espaço onde a teoria se faz ação que gera conhecimento aprendizagem e sucesso; este estudo entrega ao meio educacional uma alternativa pedagógica viável e urgente: uma escola que não silencia, mas que humaniza e emancipa seus estudantes por meio do direito pleno à fruição literária e à soberania da voz aleatória de cada integrante que estar incluso do referido projeto. o sucesso da "Quinta do Conto Literário" consolida a certeza de que a transformação da realidade escolar depende da nossa capacidade de propor caminhos que façam sentido para a juventude contemporânea. Ao unir a força dos referenciais teóricos à vivência prática da teatralização, este estudo reafirma que o gosto pelos livros e o domínio da linguagem florescem quando os estudantes ganham espaço para criar, dialogar e se expressar sem medos. Fica, portanto, o convite e a provocação para que a escola assuma o seu papel de território vivo de interação, onde ler, contar e recontar histórias sejam sempre pontes para a formação de cidadãos conscientes, autônomos e plenamente donos de suas próprias vozes. Fica, portanto, o convite e a provocação para que a escola assuma o seu papel de território vivo de interação, onde ler, contar e recontar histórias sejam sempre pontes para a formação de cidadãos conscientes, autônomos e plenamente donos de suas próprias vozes.

Diante do exposto, conclui-se que a teatralização das narrativas vai muito além de uma simples atividade recreativa em sala de aula; ela se consolida como uma metodologia ativa indispensável para o letramento e a humanização dos estudantes. Ao transformar o ato estático de ler em uma experiência física, coletiva e expressiva, o projeto "Quinta do Conto Literário" provou que o envolvimento dos jovens surge quando eles deixam de ser espectadores e passam a ser os criadores da história. Devolver o direito à palavra e ao corpo no espaço escolar é, portanto, o caminho definitivo para vencer a apatia e formar leitores críticos, autônomos e verdadeiramente apaixonados pelo universo dos livros.

BIBLIOGRAFIA

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.